



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil
"Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013
ISSN 1982-3657



O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA E NA REVISTA NOVA ESCOLA (1986-2010): COMPREENDENDO AS REPRESENTAÇÕES VEICULADAS

Fábio Luis Santos Nunes[1]

EIXO TEMÁTICO: Formação de Professores. Memória e Narrativa

Resumo

Procuro neste artigo compreender quais representações de professor de Educação Física foram veiculadas pela Revista Nova Escola entre 1986 e 2010. Utilizei como fontes reportagens do impresso que divulgaram as sugestões de conteúdos e os relatos de aulas realizadas por professores de Educação Física. Assim, pautado na lógica histórica thompsoniana, que não admite procedimentos autoconfirmadores, foi possível compreender que o impresso, a partir das reportagens com sugestões de conteúdos, elegeu uma representação de docente que fosse visto como mediador e incluísse todos os estudantes nas aulas; e que a partir de 1998 também entendeu ser ideal uma representação de professor tal qual a dos PCNs. Porém, verifiquei, nas matérias com relatos de aulas, que também foi publicada uma representação de professor que ligou as questões sócio políticas com as especificidades de seu fazer docente.

Palavras-chave: Revista Nova Escola; Professor de Educação Física; Representação.

Abstract

In this article I look for understand which representation of Physical Education teacher were disseminated by the New School Magazine between 1986 and 2010. I used as sources, reports of the newspaper that disclosed the suggestions of contents and the reports of class conducted by Physical Education teachers. So, guided by the thompsoniana historical logic, that doesn't admit self confirming proceedings, it was possible to understand that the magazine, from the reports with contents suggestions, elected a representation of teacher who would be seen as a moderator and would include all the students in the class; and that from 1998 also understood as being the ideal the representation of teacher as the same as that one of PCNs. However, I verified, in the news story with class reports, that it was also published a representation of teacher who has linked the social politic questions with the specificity of his making teacher.

Keywords: New School Magazine; Physical Education Teacher; Representation

Introdução

A Revista Nova Escola possui edições mensais, é ligada à Fundação Victor Civita e publicada pela Editora Abril, anunciando ser sua missão principal contribuir para a melhoria da qualidade da Educação Básica e para a formação do professor. É relevante salientar que seu surgimento ocorreu em 1986, momento de significativa importância para o país, já que estava havendo o processo de redemocratização em que na Educação, desde a década de 1970 por meio de vários educadores, foram realizadas severas críticas a função da escola pública na sociedade brasileira. E nesse contexto, a Educação Física, desde o início dos anos 1980, foi atingida por denúncias de que precisava entrar em crise para superar a orientação que a ela dava suas bases, ou seja, a esportiva com predominância no paradigma das ciências biológicas, e, desse modo, parte de seus intelectuais enunciaram um discurso com engajamento político, que procurou tratar de modo predominante a função da Educação Física escolar e a representação de seus professores a partir de uma teoria crítica da Educação e da sociedade.

Assim, criada em meio a todos esses processos, a Revista Nova Escola traz a veiculação de “mensagens, prescrições, comandos que, embora não sejam assimilados, apropriados e/ou praticados literalmente pelo professor-leitor, possuem a finalidade de transmitir e inculcar determinados significados tidos como preferenciais em detrimento de outros” (RAMOS, 2009, p. 26). Contudo, imbuída do ideário de que é possível a participação popular nos diversos temas sociais o periódico abriu espaço, entre outras possibilidades, para que as práticas pedagógicas dos professores que atuavam no Ensino Básico, que certamente foram construídas ancoradas em suas experiências acadêmicas, de visão de mundo e sociedade, fossem publicadas em suas edições.

Nesse sentido, começo a interrogar-me sobre como esse impresso procura influenciar na construção de determinadas formas de concepções sobre aspectos do âmbito educacional, principalmente no sentido de operar na construção da representação docente. Cabe ressaltar que entendo, conforme Hall (2006), que as representações culturais são construções históricas que procuram fazer sentido, trazer identificação e pertencimento e, desse modo, construir as identidades.

Dessa maneira, passo a olhar de modo mais atento a relação entre a Revista Nova Escola, a Educação, a Educação Física escolar e em especial a representação de professor que veiculou. Assim, diante de todos esses elementos cabe questionar: Quais as representações de professor, especificamente de Educação Física, a revista divulgou entre 1986 e 2010? Porém, já que o impresso abriu espaço para a divulgação das práticas pedagógicas dos professores de Educação Física, seria possível ter circulado em suas edições, nesse período, uma representação desses docentes que não seguiu literalmente o que entendeu ser o ideal. Posto isto, a partir destes questionamentos, procuro neste artigo compreender quais representações de professor de Educação Física foram veiculadas pela Revista Nova Escola entre 1986 e 2010. Para tanto, utilizei como fontes reportagens do impresso que divulgaram as sugestões de conteúdos feitas pelo próprio periódico e os relatos de aulas realizadas por professores de Educação Física que foram publicadas pela revista ao longo do período pesquisado.

Considerando que a circulação de um periódico navega conforme o processo histórico, veiculando/modificando as representações de professores que divulga, parti dos pressupostos da lógica histórica proposta por Thompson (1981) que procura evidenciar, mesmo num único instante, manifestações contraditórias dos fenômenos que estão em movimento, não admite procedimentos autoconfirmadores e compreende a investigação da história como processo ou uma desordem racional, devendo-se ter em conta noções de causação, de contradição, de mediação e da organização da vida social, política, econômica e intelectual. Desta maneira, o historiador inglês defendeu que a lógica histórica se constitui em método lógico de investigação adequado a materiais históricos. Portanto, à luz da interpretação historiográfica thompsoniana, entendi a Revista Nova Escola como um objeto real, concreto e cognoscível do ponto de vista histórico que enquanto produto material é provisório e passível de mudanças e releituras, dadas as perguntas feitas à evidência, assim como não pode ser apartada do todo social que a envolve e, senão a determina, estabelece relações de tensão permanente. Assim, considero ser possível e necessário submetê-la à investigação que desnude as contradições e mediações que revelam dados projetos de organização da vida social.

Alguns aspectos sobre e da Revista Nova Escola

A Revista Nova Escola[2] teve sua primeira edição lançada em março de 1986 e, nesse momento, já contou com o apoio do governo federal, que por meio do Ministério da Educação (MEC) subsidiou 70% de seu custo e garantiu que todas as escolas públicas brasileiras, naquele momento, recebessem um exemplar de modo gratuito. Entre 1986 até 1998, a Revista Nova Escola difundiu durante o ano nove edições mensais, sendo que em janeiro, fevereiro e julho, meses de férias escolares, não publicou nenhum número. A partir de 1998, passou a lançar dez edições durante o ano, com periodicidade mensal. Cabe registrar que até o ano de 1999, o impresso não editou números em janeiro e julho. Do ano 2000 em diante a revista publica edições que contemplam os meses de janeiro e fevereiro conjuntamente e do mesmo modo para os meses de junho e julho. Entendo que essas mudanças indicam que o impresso buscou seguir as orientações ocorridas no âmbito educacional após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9394, de 1996, que, entre outras medidas, elevou o tempo de escolarização no Brasil, o que no periódico, entre outros pontos, se traduziu em circular durante todo o ano.

As tiragens da Revista Nova Escola quase sempre foram expressivas, excetuando-se o período do governo do Presidente Fernando Collor de Mello que interrompeu seu convênio com o MEC o que, na opinião de Ramos (2009, p. 51), "resultou na redução drástica da tiragem, de 370 mil para 04 mil, demonstrando a importância do subsídio estatal para que a revista pudesse permanecer 'viva'". A renovação do convênio entre o impresso e o MEC, no final de 1992, restringiu o envio de somente um exemplar para cada escola urbana, momento em que o periódico restabeleceu sua antiga tiragem. Já durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, que utilizou ostensivamente os meios midiáticos para propagandear suas reformas, a revista teve sua tiragem elevada[3] significativamente.

Foi possível perceber etapas na evolução da Revista Nova Escola, isso em termos de estrutura e de modo especial do fator histórico. Assim Silva e Feitosa (2008) destacaram quatro momentos, a saber: de 1986 a 1994, período de inserção do periódico no mercado editorial, de maneira, "que as matérias estavam mais orientadas para o real (deficiências de nossa educação, dificuldades dos professores, etc), do que para o ideal" (SILVA; FEITOSA, 2008, p.185); um segundo momento, de 1995 a 1997, que coincide com o início do Governo de Fernando Henrique Cardoso, em que o impresso sofreu mudanças para se ajustar a nova sensibilidade estética característica da invasão do cotidiano pelas novas Tecnologias da Informação e Comunicação e também pela nova perspectiva das transformações pedagógicas iniciadas com as Reformas Educacionais; de 1998 a 2000, após a aprovação da nova LDB 9394, de 1996, a revista assumiu um novo slogan "A Revista do Ensino Fundamental", o que indica que o periódico visou se dirigir a todos os profissionais dessa etapa da escolarização e não somente aos professores, como também ser interpretada como atual e que atualiza; e, como quarto momento, em 2000, o impresso apareceu com outro lema: "A Revista do Professor", em que pode se inferir que a publicação pretendeu ser a principal ferramenta de consulta dessa categoria profissional.

No entanto, a partir do ano de 2005, precisamente na edição 188 veiculada no mês de dezembro desse mesmo ano, notei que o periódico adotou um novo slogan denominado "A revista de quem educa", em que é possível inferir que o impresso novamente pretendeu abarcar não somente o professor e os demais profissionais do Ensino Fundamental, mas todos os que se identificam como educadores, independente de suas atuações em algumas das etapas da Educação Básica, o que possivelmente constitui-se em uma tentativa de ampliar seu público visado.

Por fim, observando a partir de sua caracterização material e organização interna, é possível perceber que a Revista Nova Escola também passou por uma série de mudanças. Assim, por exemplo, suas dimensões foram alteradas, de forma que de 1986 a 1989 media 20 cm por 26 cm e a partir de 1990 passou a ter dimensão de 20,5 cm por 27 cm, o que para Ramos (2009) representa a busca do impresso de se

assemelhar cada vez mais as outras revistas de consumo. O número de páginas também sofreu mudanças, de maneira que em maio de 2000, o diretor de redação da revista anunciou que pela primeira vez em sua história o periódico circulava com 68 páginas, havendo “mais espaço para novos anunciantes – empresas e instituições interessadas em investir em projetos sociais – e para reportagens” (GROSSI, 2000, p. 04), o que explicita uma das fontes de sua receita, a saber, os anúncios publicitários.

Assim, verificado esses aspectos que dizem da e sobre a Revista Nova Escola passarei a discutir sobre as representações de professor de Educação Física que veiculou.

O professor de Educação Física da e na Revista Nova Escola

Desde março de 1986, a Revista Nova Escola adotou como uma das formas de compor suas edições a veiculação de matérias com sugestões de conteúdos para as diferentes disciplinas escolares que, conforme Silveira (2006, p.61), “são explicadas passo a passo ‘a fim de facilitar’ a vida do professor e tornar suas aulas mais interessantes”. Em tais reportagens em que o periódico sugeriu conteúdos, notadamente para a Educação Física, foi possível verificar que em algumas não foi identificado nenhum professor ou equipe pedagógica que tenha atuado na sua elaboração, fato que pode ser explicado se for levado em conta que Victor Civita, criador do impresso, o anunciou como o “[...] resultado de um velho sonho e de um longo trabalho de uma equipe de experimentados jornalistas e profissionais da Educação” (CIVITA, 1986, p.5), o que indica que a publicação possuía compondo seus quadros funcionários com conhecimento na área pedagógica para a tarefa de sugerir conteúdos. Mas, também levando em consideração que na maioria das matérias o impresso divulgou os professores ou equipes pedagógicas que formularam as sugestões de conteúdos é possível inferir que o periódico utilizou este procedimento como um meio de se aproximar de professores e equipes pedagógicas capazes desta tarefa, como forma para se fazer um veículo que possui identificação com seu público de leitores visados e, ao mesmo tempo, como um mecanismo para se constituir uma revista que possui credibilidade para sugerir conteúdos no âmbito da Educação Física. Ainda é relevante mencionar que nas sugestões de conteúdos para a área elaborados pelo impresso foi possível observar que as matérias veiculadas em algumas edições não indicaram, de modo claro, a série ou ano do Ensino Fundamental ao qual o trabalho deveria ser dirigido, enquanto que em outras reportagens veiculadas ocorreu tal indicação recomendando-se, ainda, como o professor deveria proceder e qual sua função.

Assim, por exemplo, em 1988, no mês de maio, o impresso divulgou matéria em que trouxe três atividades sugeridas pela equipe técnica de Educação Física da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas da Secretaria de Educação de São Paulo (CENP), recomendadas para alunos da 1ª e 2ª séries. Os jogos sugeridos foram o esconde-esconde, bola atrás e o gato e o rato que podem, de acordo com o periódico, possibilitar um bom desenvolvimento motor, afetivo e social. A revista, para a realização das atividades, fez uma lista de indicações, tais como: para que o professor não apresentasse todas as regras dessas brincadeiras, já que a maioria dos alunos já sabiam como joga-las e que fosse respeitado o conhecimento adquirido fora da escola, deixando que os próprios alunos explicassem os jogos para os que não os conheciam; para que incentivasse os estudantes a se organizarem sozinhos, discutindo e estabelecendo regras, de forma que a função do professor no decorrer das brincadeiras fosse “o de mediador, dando explicações quando lhes forem exigidas e estimulando o aluno a refletir sobre o que está fazendo e a buscar consertar os erros” (APOSTE..., 1988, p.20). Além dessas, ainda recomendou ao professor que na realização das atividades fizesse com que meninos e meninas brincassem juntos, pois favoreceria o desenvolvimento social.

Já em maio de 1989 a Revista Nova Escola publicou uma reportagem em que, seguindo novamente as recomendações da CENP, sugeriu a utilização de jogos com cordas para desenvolver os aspectos motor, afetivo e social nas aulas de Educação Física para alunos da 1ª série. Os jogos sugeridos pelo periódico foram o equilibrista, corrida de estafetas e saltar ou pisar o rabo da cobra, e segundo o impresso, esses conteúdos desenvolveriam: o equilíbrio corporal, o estímulo ao trabalho coletivo, representação de figuras

e conceitos de figuras geométricas; o relacionamento em grupo e coordenação espaço-temporal; a coordenação motora fina e flexibilidade nas mãos. Nesta reportagem, os professores foram alertados para não impor nada e que respeitassem o conhecimento que os alunos adquirem fora da escola, deixando-os se organizarem de forma livre e discutirem entre si as regras dos jogos que, inclusive, sofre variação de região para região do país. Desse modo, para o impresso, conforme divulgou nessa matéria, “preferencialmente, o professor deve estimular os alunos a refletirem sobre os erros que cometem e a tentarem sempre superar as dificuldades” (DÊ CORDA..., 1989, p.20).

A partir de 1998 foi possível constatar que a Revista Nova Escola, nas reportagens com sugestões de conteúdo que publicou para a Educação Física, se adequou aos preceitos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) da área para o Ensino Fundamental na medida em que: procurou sugerir para seus leitores que trabalhassem com diferentes conteúdos e diversificasse sua prática pedagógica, tal como enfatizado no documento ministerial; deixou visível que suas sugestões corresponderam a lógica dos blocos de conteúdos propostos pelo PCNs[4]; e, quando sugeriu o conteúdo atividade física e saúde, explicitamente fez referência ao que o documento do MEC alega ser necessário para conhecer o corpo, ou seja, conhecimentos anatômicos, fisiológicos, biomecânicos e bioquímicos.

Assim, seguindo esta linha de adequação, por exemplo, em maio de 2006, o impresso sugeriu que se utilizasse a Copa do Mundo, que iria acontecer naquele ano, como tema para aulas em todas as disciplinas, inclusive nesta edição sua capa tem como manchete principal esse assunto. Foi afirmado pelos repórteres do periódico que “o melhor a fazer é explorar o torneio em toda a sua dimensão educativa” (DIDONÊ; ARAUJO, 2006, p.24). Em relação ao plano de aula e as atividades sugeridas para a disciplina Educação Física o impresso contou com a consultoria dos professores Antônio de Pádua dos Santos, João Carlos Neves de Souza e Terezinha Petrucia Nóbrega identificados apenas como sendo de Natal, Rio Grande do Norte; e Eliane Mauerberg de Castro da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em Rio Claro, São Paulo. Assim, ao se dirigir à área, foi destacado pelos repórteres do periódico o clima de cooperação existente na Seleção Brasileira nas Copas de 1970 e 2002 e afirmaram que

Diferentemente dos treinos esportivos profissionais ou amadores – cujo objetivo é melhorar o rendimento do time para vencer qualquer partida -, as aulas de Educação Física têm como uma das principais metas despertar nos alunos o senso de igualdade e solidariedade (DIDONÊ; ARAUJO, 2006, p.26).

Dessa forma, indicou-se aos professores que em quadra é importante ajudar os alunos a derrubarem dois mitos. O primeiro, pensar que o futebol é um esporte exclusivamente masculino, de forma que para por fim a esta ideia houve a recomendação para que os professores recorressem a exemplos de jogadoras profissionais reconhecidas de torneios organizados pela Federação Internacional de Futebol (Fifa). O segundo, que as pessoas portadoras de deficiência não têm habilidade para os esportes, e foi indicado aos docentes que para acabar com esse entendimento por parte dos estudantes, expusessem os exemplos de times paraolímpicos brasileiros campeões em futebol de 5 e de 7[5]. Nesta reportagem também disponibilizou-se um plano de aula para turmas de 5ª a 8ª séries, com sugestões para trabalhar com o futebol e foi recomendado aos professores que explorassem as várias maneiras de praticar o esporte, verificassem as habilidades de cada aluno, promovessem jogos em que meninos e meninas jogassem juntos e que se houvessem crianças com deficiência no grupo, pedissem aos demais alunos para pensarem em maneiras de incluí-las e ajuda-las.

No ano de 2010, precisamente no mês de março, a Revista Nova Escola divulgou matéria em que sugeriu aos professores que trabalhassem a corrida de orientação e o trekking[6] nas aulas de Educação Física, para alunos do 1º ao 4º ano, por ser uma “maneira interessante de investir na ampliação do universo cultural esportivo deles” (SOUZA, 2010, p.57). Assim, foi possível observar algumas recomendações sobre como trabalhar as atividades em que se sugeriu aos professores que

Antes de colocar o grupo em campo, é importante planejar aulas para que todos

participem da escolha do percurso e da confecção dos mapas. É parte da aprendizagem analisar o espaço, selecionar obstáculos (como cones, bancos e cordas) que possam ser enfrentados (e vencidos) e elaborar regras. (SOUZA, 2010, p.58).

Também foi proposto aos professores que trabalham em escolas urbanas que usassem o pátio e as salas de aula para o trajeto e foi ressaltado que quanto mais desafiador fosse o percurso mais estimularia os alunos a pensarem em estratégias que determinassem o que fazer, desenvolvesse o raciocínio lógico e fizesse pensar como usar o corpo da maneira mais eficiente. Desse modo, foi afirmado pelo repórter do impresso que a Educação Física possui uma imensa gama de cultura corporal e, assim, não é o espaço “para o simples exercício de aptidões físicas” (SOUZA, 2010, p.58).

Portanto, a partir das reportagens com sugestões de conteúdos que a Revista Nova Escola publicou foi possível compreender que entre 1986 até 1997 foi veiculada uma representação de professor de Educação Física que agisse como mediador, que estimulasse seus alunos a realizarem reflexão e que fosse aberto para discutir com sua turma. É possível perceber, ainda, que houve recomendação para que o professor leitor desenvolvesse em seus alunos os aspectos motor, cognitivo, social e afetivo, por meio das atividades sugeridas; além de promover a relação no ensino do conteúdo jogo na Educação Física com o aprendizado de conceitos da Matemática. Porém, evidencia-se que entre 1998 e 2010 o impresso se adequou aos preceitos dos PCNs e, dessa forma, difundiu uma representação de professor de Educação Física que além de promover a inclusão de todos os alunos nas atividades, trabalhasse com conteúdos diversificados, adaptasse o espaço para suas aulas informando, inclusive, que tal entendimento constava no documento do MEC e que cabia ao professor a responsabilidade de

[...] pensar em alternativas: estender cordas entre árvores para que as crianças organizem uma partida de voleibol em pequenos grupos, pendurar pneus e aros nas árvores para funcionarem como alvos em jogos de arremesso e basquete, utilizar os desníveis de terreno e os materiais disponíveis como parte de circuitos de corrida com obstáculos são algumas sugestões apresentadas nos PCNs. (MEIRELES; MONROE, 2010, p.63).

Além das matérias com sugestão de conteúdos o impresso também compõe suas edições com reportagens que trazem os relatos das práticas pedagógicas de professores brasileiros, sendo de acordo com Silveira (2006, p.52) uma “estratégia de formação de professor leitor que é a de dar voz e vez aos próprios colegas de profissão, responsáveis por exemplificar o ‘como se faz’ na sala de aula”. É preciso considerar que, entre outros objetivos, o desejo de publicar os relatos de práticas pedagógicas dos professores é um procedimento pretendido pelo criador do impresso, conforme pode ser observado quando expressou, já no primeiro número, seu desejo de que os professores escrevessem para o periódico “[...] sugerindo, criticando, esclarecendo, retificando ou revelando alguma experiência de interesse de seu colega” (CIVITA, 1986, p.5).

Assim, observa-se que o periódico desejava colocar o professor como um de seus autores, além de receber notícias sobre experiências pedagógicas, o que certamente foi aceito por seu público visado quando, por exemplo, em abril de 1990 foi divulgada por sua diretora de redação a seguinte mensagem:

Nem sempre é fácil descobrir onde estão se desenvolvendo essas experiências que queremos mostrar a todos que nos lêem. [...]. Mas muitos educadores já estão nos escrevendo contando sobre o que estão fazendo, e isso tem nos ajudado muito (SANCHEZ, 1990, p.5).

Foi possível verificar que entre 1986 a 1997 a Revista Nova Escola não deixou claro quais foram os critérios que usou para escolher os relatos de práticas pedagógicas de professores de Educação Física para

compor suas edições, mas a partir dos números publicados em fins de 1998 notei que o impresso começou a publicar matérias que relataram práticas pedagógicas que foram finalistas ou vencedoras do Prêmio Victor Civita[7], numa ação que entendo ter como objetivo tornar o concurso conhecido, valoriza-lo e consolida-lo diante de seu público de professores leitores.

Foi constatado, ainda, que o periódico elegeu a divulgação das práticas pedagógicas dos professores brasileiros como uma de suas receitas. Nesse sentido, o diretor de redação da revista esclareceu que: "Apresentar as novidades do mundo da Educação, explicar os principais conceitos da Pedagogia e da didática e revelar boas experiências de professores em ação. Essa é, de forma resumida, a receita para fazer NOVA ESCOLA todo mês" (GROSSI, 2010, p.10), o que, nas considerações de Ramos (2009), não é algo novo tratando-se de uma revista pedagógica. Contudo, não é possível desconsiderar que os relatos de práticas pedagógicas publicados pelo periódico, ainda que registrados por um jornalista (que nem sempre foi identificado no corpo da matéria), constituiu de fato descrições de trabalhos que foram desenvolvidos por diversos professores brasileiros do Ensino Fundamental, que foram planejados e executados ancorados em suas experiências acadêmicas, pedagógicas e de visão de mundo.

Nesse sentido, destaco o relato da prática pedagógica do professor do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco (CA-UFPE), publicado em outubro de 1988, desenvolvido por meio do projeto o Homem e a natureza, realizado com alunos da 8ª série. Assim, foi indicado pelo jornalista do periódico que se tratava de "uma visão inovadora da Educação Física, onde os jovens aprendem desde o respeito ao meio ambiente até a sobrevivência em grupo, substituindo a competição das quadras pela cooperação mútua" (GOMES, 1988, p.30). Um dos elementos que o docente procurou enfatizar foi a realização de aulas formadas com turmas mistas, em que meninos e meninas estivessem juntos. Além desse aspecto, foi descrito que o planejamento foi realizado com a participação dos estudantes, em que "Tudo começa numa reunião em sala. Os alunos têm nesse momento, amplo espaço para manifestar seus interesses e suas dúvidas. O grupo avalia as atividades que gostaria de pôr em prática e planeja a execução em todos os detalhes" (GOMES, 1988, p.30-31).

Em seu projeto, o professor pernambucano, de acordo com o descrito na reportagem do impresso, preocupou-se em fazer com que os alunos não se limitassem a serem espectadores da natureza e para isso procurou estimular o interesse da turma pela botânica e pela fauna, cobrando relatórios da experiência realizada. A atividade iniciou com a reunião dos alunos no CA-UFPE e caminhada até a mata que fica próxima a escola para, depois, pegarem uma balsa que passa no rio Capibaribe. Em seguida, durante o trajeto na embarcação, o docente dividiu a turma em dois grupos, sendo um responsável pela exploração da mata, identificando plantas venenosas e animais peçonhentos, enquanto o outro simulou uma operação de resgate utilizando como ferramentas materiais encontrados na própria mata. E na aula posterior a turma redigiu um relatório sobre as experiências realizadas. Conforme o professor, em opinião veiculada na reportagem, o projeto pautou-se em seu olhar sobre o mundo em que a cooperação deve ser enfatizada.

É interessante salientar que a leitura do relato dessa prática pedagógica do professor do CA-UFPE veiculada pela Revista Nova Escola foi sugerida pelo Coletivo de Autores (1992, p.63) por apresentar interessantes atividades relacionadas ao excursionismo/acampamento, possuindo conteúdos que direcionam a percepção do aluno para "[] a necessidade de solução de um problema nele[s] implícito".

Já em março de 2007, a Revista Nova Escola publicou o relato do trabalho do professor indígena da Escola Mbo'eroiy Guarani/kaiowa, localizada em uma aldeia de Amambai, em Mato Grosso do Sul, que ensinou danças guaranis aos seus alunos de 1ª a 4ª séries que também eram índios. Cabe registrar que essa prática pedagógica foi escolhida vencedora, na categoria Educação Física, do Prêmio Victor Civita do ano de 2006. De acordo com essa reportagem, no início do século XXI, os habitantes da aldeia Amambai foram fortemente afetados por pouco espaço geográfico para a população total, desmatamento, poluição do rio, alcoolismo e drogas, além da presença de "Missões religiosas marcadas por doutrinas cheias de impedimentos [que] promovem uma neocatequese que solapa ainda mais sua cultura" (FALZETA, 2007,

p.53) em que dançar é proibido, sendo um pecado para metade da aldeia que já abandonou as tradições.

Foi descrito na reportagem que o professor da aldeia de Amambai, que na adolescência foi repreendido por estar dançando por outros indígenas ligados à igreja, mudou-se para outra cidade e após graduar-se em Educação Física retornou para sua comunidade para lecionar na escola local. O trabalho com dança teve início após o docente ter feito uma viagem para São Paulo e ter conhecido índios guaranis que preservavam suas tradições. Assim, ao retornar à sua comunidade trouxe um CD e vídeo com canções e coreografias indígenas e a partir de então apresentou o material para os seus alunos. De acordo com o depoimento do professor no periódico, alguns pais de estudantes proibiram os filhos de participarem de sua aula, o acusando, inclusive, de estar envolvido com magia negra e de ser macumbeiro.

De toda forma, conforme veiculado na reportagem, o professor prosseguiu com seu trabalho, assim, num primeiro momento assistiu várias vezes o vídeo com os alunos e promoveu um debate entre a turma sobre as diferenças entre a língua guarani falada em Mato Grosso do Sul e São Paulo. Posteriormente entrou em contato com pessoas mais velhas de sua comunidade que preservavam os costumes, mas não possuíam a mesma influência de outros tempos, e realizou seu encontro com os estudantes para que, conforme revelou no impresso, contassem suas histórias e que os alunos compreendessem a importância de conhecer sua cultura e não se envergonhassem de serem índios. O trabalho, conforme registrado na reportagem, rendeu convites para se apresentarem em todas as festas comemorativas do município no ano de 2005 e também estimulou os alunos a entrevistarem seus pais e irem a procura de informações sobre a formação da aldeia, sua localização e os problemas da atualidade, sendo elencado como o principal a poluição da água devido ao não tratamento de efluentes despejados no rio por frigoríficos e matadouros de suínos.

Portanto, entendo ser possível inferir que o professor do CA-UFPE, assim como o professor indígena de Amambai se aproximaram de uma concepção crítica de Educação Física em que os conteúdos trabalhados permitem a compreensão de que existe uma relação de interdependência entre jogo, esporte, ginástica, dança ou outros temas dos programas da disciplina com

os grandes problemas sócio-políticos atuais como: ecologia, papéis sexuais, saúde pública, relações sociais de trabalho, preconceitos sociais [e étnicos], raciais, da deficiência, da velhice, distribuição do solo urbano, distribuição de renda, dívida externa e outros (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.62-63).

Assim, a partir desses exemplos fica visível que houve na Revista Nova Escola, entre 1986 e 2010, também a veiculação de reportagens, sobretudo nas que relataram as práticas pedagógicas, que trazem uma representação de professor de Educação Física que ligou as questões sócio políticas com as especificidades de seu fazer docente, configurando, com isso, uma preocupação em possibilitar que os alunos se posicionassem criticamente perante os temas sociais. Por fim, entendo ser possível considerar que o periódico procurou operar na construção da representação do professor de Educação Física trazendo alguns dos elementos aludidos por Hall (2006), quais sejam: atividades, sujeitos e instituições que fizessem sentido e promovessem identificação com os docentes, além de trazer uma sensação de pertencimento, já que o próprio impresso, desde seu surgimento, colocou os professores brasileiros como participantes de sua produção.

Considerações Finais

Publicada desde março de 1986, a Revista Nova Escola esteve presente em todas as transformações que atingiram o setor educacional do país, não raro modificando sua forma e se adequando as novas determinações legais.

Notadamente em relação às recomendações que fez aos professores de Educação Física foi possível

compreender que o impresso, a partir das reportagens que publicou com sugestões de conteúdos, divulgou e elegeu, entre 1986 e 1997, uma representação de docente que fosse visto como um mediador, incluísse todos os estudantes nas aulas, estimulasse os alunos a refletirem sobre as atividades que realizavam e que fosse aberto para discutir com a turma. Mas, entre 1998 a 2010, o periódico além da representação de professor de Educação Física anterior, também veiculou e entendeu ser ideal uma representação de docente tal qual enfatizado nos PCNs, a saber, que fosse capaz de superar a falta de espaço, de materiais e de condições minimamente adequadas para a realização de seu trabalho e, desse modo, individualmente pensasse e executasse alternativas para ministrar aulas produtivas.

Porém, verifiquei, a partir das matérias que relataram as experiências educacionais dos professores de Educação Física, ter havido exemplos de práticas pedagógicas de docentes que podem ser inscritas numa perspectiva crítica, revelando, dessa maneira, que também ocorreu no interior da Revista Nova Escola a publicação de uma representação de professor de Educação Física que ligou as questões sócio políticas com as especificidades de seu fazer docente, configurando, com isso, uma preocupação em possibilitar que os alunos se posicionassem criticamente perante os temas sociais. Assim, a partir desse dado, pode-se inferir que o impresso também foi utilizado por esses docentes para divulgar seus trabalhos.

Fontes

APOSTE nos jogos que as crianças já conhecem. **Revista Nova Escola**. São Paulo, n. 21, p.20-21, mai. 1988.

CIVITA, V. Carta do Editor. **Revista Nova Escola**. São Paulo, n.1, p.5, mar. 1986.

DÊ CORDA aos seus alunos: com esse material simples e barato, eles promovem muitos jogos que lhes possibilitam um bom desenvolvimento motor, afetivo e social. **Revista Nova Escola**. São Paulo, n.30, p.20-21, mai. 1989.

DIDONÊ, D; ARAUJO, P. Bate-bola na escola. **Revista Nova Escola**. São Paulo, n.192, p.24-33, mai. 2006.

FALZETA, R. Jajeroky jevy javya jova haguã. **Revista Nova Escola**. São Paulo, n.200, p.52-55, mar. 2007.

GOMES, V. Longe das quadras, perto da natureza. **Revista Nova Escola**. São Paulo, n.25, p.30-33, out. 1988.

GROSSI, G. P. Acelera, Nova Escola. **Revista Nova Escola**. São Paulo, n. 132, p.4, mai. 2000.

_____. Por todo Brasil. **Revista Nova Escola**. São Paulo, n.235, p.10, set. 2010.

MEIRELLES, E; MONROE, C. Esporte fora de quadra. **Revista Nova Escola**. São Paulo, n.235, p.62-64, set. 2010.

SANCHEZ, A. **Revista Nova Escola**. São Paulo, n.38, p.5, abr. 1990.

SOUZA, L. Na direção certa. **Revista Nova Escola**. São Paulo, n.230, p.57-59, mar. 2010.

Referências

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

HALL. S. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

PEDROSO, L. A. **A Revista Nova Escola**: política educacional na "Nova República". Tese (Doutorado em

Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

RAMOS, M. E. T. **O ensino de História na Revista Nova Escola (1986-2002):** cultura midiática, currículo e ação docente. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

SILVA, M.; FEITOSA, L. S. Revista Nova Escola: legitimação de políticas educacionais e representação docente. 2008. Disponível em:. Acesso em: 03 mar. 2009.

SILVEIRA, F. R. **Um estudo das capas da Revista Nova Escola: 1986 – 2004.** 2006. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros:** uma crítica ao pensamento de Althusser. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

Este artigo está embasado em algumas constatações presentes na dissertação de mestrado que defendi no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, em março de 2013, intitulada: Concepções pedagógicas de Educação Física na Revista Nova Escola (1986-2010): da adesão à educação pelo movimento à adequação aos PCNs.

[1] Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Membro do CEMEFEL/UFS. Professor da Secretaria Municipal de Educação de Aracaju e Secretaria Estadual de Educação de Sergipe. E-mail fabionunesnunes@yahoo.com

[2] Ramos (2009), Pedroso (1999) e Silveira (2006) atestaram que esse impresso é na verdade a retomada de um projeto da Editora Abril do ano de 1971, que veiculou a publicação chamada “Escola para Professores”, conhecida por Escola, editada entre outubro desse ano a abril de 1974, em que foram publicados vinte e sete números

[3] Compreendo, assim como Ramos (2009), que também colaboram com suas expressivas tiragens: o preço baixo, tanto do exemplar quanto da assinatura; o mercado com um público expressivo, isso levando em conta o número de professores do Ensino Fundamental das escolas públicas e privadas, como também os demais profissionais da educação e os estudantes de pedagogia e outras licenciaturas; a distribuição/circulação em que pelo menos um terço de sua tiragem vai diretamente para as escolas públicas, local de trabalho de seu público, tendo em vista o convênio com o MEC e com as diferentes secretarias estaduais de Educação, além de ser gratuito o acesso ao seu site.

[4] Os PCNs de Educação Física informam que os conteúdos são organizados em três blocos: bloco Esporte, jogo, lutas e ginástica; bloco Atividades Rítmicas e expressivas; e o bloco Conhecimentos sobre o corpo.

[5] O futebol de cinco ou Fut 5, é dirigido exclusivamente para atletas cegos ou com deficiência visual. Em cada time, tem-se quatro jogadores que correm atrás da bola, em uma quadra de futsal adaptada para essas partidas, e um goleiro que possui visão total. Já o futebol de sete, que é jogado por dois times possuindo cada um sete atletas e cinco reservas, é realizado por jogadores do sexo masculino pertencentes às classes menos afetadas de paralisia cerebral, decorrentes de sequelas de traumatismo crânio-encefálico ou acidentes vasculares cerebrais e que não usam cadeiras de rodas.

[6] Conforme o impresso, na corrida de orientação luta-se contra o relógio e disputa-se individualmente; enquanto no trekking a disputa ocorre em equipes e ganha a prova quem completar o percurso no tempo mais próximo ao estipulado para durar a competição, que é definido em regra.

[7] Esta premiação teve início em 1998 e ao lado do impresso trata-se de uma ação da Fundação Victor Civita que pretende valorizar os educadores brasileiros.